

COMIDAS DO CÉU, COMIDAS DA TERRA:  
AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS DA CULINÁRIA  
ADVENTISTA

Ismael Fuckner  
*Universidade Federal do Pará/DEHIS*

O ato de comer, apesar de ser uma das mais corriqueiras e urgentes de todas as atividades humanas, não se restringe apenas a funções orgânicas, fisiológicas e de sobrevivência. Existe um feixe de relações simbólicas nessa ação tão simples de nosso cotidiano, pois as pessoas não escolhem seu alimento somente pelos nutrientes que os mesmos contêm. Pelo contrário, geralmente esse critério é completamente ignorado e a comida passa a ser escolhida de acordo com normas que determinam sua conveniência em cada momento, envolvendo noções de saúde e doença, prestígio social, percepção de sabores e crenças religiosas. Assim, é possível verificar que os grupos sociais, nas mais variadas regiões do mundo e nos diferentes períodos da história, têm construído os seus próprios critérios para o ato de comer, que envolvem a escolha dos alimentos, a forma de apresentá-los à mesa, assim como as interdições alimentares inventadas por cada cultura em particular.

Os adventistas do sétimo dia<sup>1</sup>, por exemplo, possuem especificidades muito peculiares por terem em sua formação uma forte influência de um movimento construído no contexto da cultura norte-americana do século XIX e mantêm em sua tradição, de maneira marcante, a prática de um regime “natural”<sup>2</sup> e vegetariano<sup>3</sup>, bem como a interdição ao uso de certas carnes, como a de porco, de pato, de caças, de mariscos e de peixes de pele e de couro, seguindo a tradição hebraica.

A prática de uma dieta alimentar saudável é uma das marcas fundamentais dos adventistas, para os quais comida é remédio. Eles procuram manter os cuidados com o corpo com base em uma prática que inclui, entre outras recomendações, diversos conselhos relativos à escolha e ao preparo dos alimentos. Ellen Gold White<sup>4</sup>, levou tão a sério os assuntos culinários a ponto de afirmar que “[...] existe mais religião num pão bem feito do que muitos pensam” (1990, p. 302). Os membros desse grupo religioso fazem uma escolha criteriosa de sua alimentação, servindo-se de cereais integrais, produtos “naturais”, frutas, verduras e hortaliças (cf. Gênesis 1:29). Eles possuem indústrias próprias para

processamento e embalagem de produtos “naturais” que são vendidos ao público em geral. Seus ensinamentos são favoráveis a uma vida rural com grande aversão ao progresso e à urbanização e ao estilo de vida proveniente desse progresso, considerado, para eles, o grande causador dos males da humanidade, em especial, as doenças.

A dieta alimentar proposta pelo movimento adventista faz parte de um conjunto de normas de conduta denominado mordomia cristã, que está representado em vários aspectos do cotidiano dos fiéis: na escolha do vestuário a ser usado, no estilo de música a ser ouvida, na “devolução” dos dízimos e ofertas para a Igreja, na escolha de cônjuge que pertença ao mesmo grupo religioso, na interrupção de todas as atividades consideradas profanas durante o sábado e, por fim, no cuidado com a alimentação. Para os organizadores de uma coletânea contendo as principais doutrinas da IASD, “[...] mordomia significa a responsabilidade do homem por [...] tudo o que Deus lhe confiou – vida, corpo físico, tempo, talentos, habilidades e posses materiais [...]” (LESSA; SCHEFFEL 1989, p. 356). A refeição de um adventista, no entanto, pode ser muito variada – inclui pratos carnívoros, excetuando-se o que está proibido no Levítico, ou até mesmo uma dieta estritamente vegetariana, sendo que a maior parte dos adventistas da igreja do Marco (*locus* de nossa pesquisa) adota a dieta ovo-lacto-vegetariana.

Nossos interlocutores consideram que a permissão para comer carne foi dada diante de uma situação emergencial – o período logo após o dilúvio, pela impossibilidade de se encontrar alimento vegetal com facilidade – porém seria necessário evitar ingeri-la com o sangue. A recomendação aparece em dois textos bíblicos. Em Gênesis 9:5 “[a] carne, porém, com seu sangue, isto é sua vida - sua alma - não comereis” e em Levítico 18: 10: “[...] qualquer homem da casa de Israel [...] se comer algum sangue voltarei o meu rosto contra a sua alma e exterminá-lo-ei [...]”. Lessa; Scheffel, apresenta o seguinte comentário a respeito destes textos: “[foi] somente depois do Dilúvio que Deus permitiu o uso de alimentos cárneos. Uma vez destruída toda a vegetação, Deus autorizou Noé e sua família a utilizarem alimentos cárneos, estipulando que não deveriam utilizar o sangue [...]” (1989, p. 376).

O cardápio adventista norte-americano foi recomendado para diversas regiões do mundo, inclusive para o Brasil, onde se tornou variado, abrindo espaço tanto para os ingredientes importados como

para as iguarias da culinária regional. Em Belém, por exemplo, os adventistas reinventaram sua dieta a partir do que foi prescrito e adaptam as regras ao seu gosto pessoal e ao estilo de vida de sua própria família. Isso poderá ser observado mais adiante, quando faremos uma incursão na culinária adventista inserida no contexto regional, intermediados pelas pesquisas do casal de antropólogos paraenses Maria Angelica Motta-Maués e Raymundo Heraldo Maués (1978 e 1980), realizadas no município de Itapuá<sup>5</sup>, nas quais encontramos algumas aproximações entre as restrições à mesa dos adventistas da igreja do Marco e as práticas alimentares de moradores dessa região e do Nordeste do Pará.

Entre os adventistas, em consequência da ênfase às dicotomias natural/não natural, saudável/não saudável, foram estabelecidos tabus utilizando-se das representações contidas nos textos hebraicos do Levítico e Deuteronômio. A ressignificação de tais interdições em solo paraense foi elaborada por meio de uma perspectiva ecológica que prioriza o uso de alimentos vegetais alternativos, associada ao conceito de *reima* muito utilizado na região (FUCKNER, 2005).

Assim, podemos constatar que tradição que mais fortemente influenciou esse grupo religioso foi a hebraica, pelo menos uma parte da que ficou registrada na Thorá (conhecida por Pentateuco entre os cristãos), em especial no livro de Levítico. No trabalho clássico de Mary Douglas podemos encontrar uma análise detalhada das prescrições descritas no capítulo 11. A autora considera o texto como “[...] um velho e bolorento enigma da doutrina bíblica [...]” (1976, p. 57) para o qual já haviam sido feitas diversas tentativas de explicação, com as quais não concorda, por partirem de três pressupostos básicos:

1. Seriam regras sem sentido, portanto irracionais.
2. Seriam alegorias de virtudes e vícios, portanto de natureza estritamente moral.
3. Teriam uma fundamentação na fisiologia humana, portanto passível de análise de fundamentação nas ciências biológicas.

Douglas propõem que analisemos os hábitos contidos no referido livro no contexto da cultura do povo hebreu e não fora, o que abre um leque de possibilidades para um estudo histórico-antropológico. E é disto que nos ocuparemos nesse momento.

## OS ADVENTISTAS E SUA HISTÓRIA

Os fundadores do movimento adventista, nos Estados Unidos, deram muita ênfase ao ensino de uma rigorosa prática alimentar como um dos elementos do que ficou conhecido como “a grande reforma de saúde” que viria, segundo eles, complementar a obra iniciada pelos líderes da “primeira reforma religiosa”, como Martinho Lutero (1483-1546), cujos seguidores ficaram conhecidos como protestantes, bem como pela “segunda reforma religiosa”, liderada por Ulrico Zuínglio (1484-1531) e João Calvino (1509-1564), cujos seguidores passaram a se autodenominar reformados.

Doutrinariamente, os adventistas são herdeiros do movimento mileriano<sup>6</sup> da década de 1840, que incluía pessoas das mais variadas denominações religiosas. Entre 1831 e 1844, William Miller, pregador batista e ex-capitão de exército, lançou o “grande despertar do segundo advento” o qual se espalhou através da maioria do mundo cristão. Miller cresceu num lar religioso, onde todos os membros de sua família eram freqüentadores de igreja, sendo dois de seus tios e um avô ministros batistas. Por ter se decepcionado com o cristianismo que aprendera na infância, adotou a filosofia do deísmo<sup>7</sup>. Esporadicamente, freqüentava a igreja batista local, embora ainda guardasse questionamentos profundos a respeito de certos ensinamentos ali ministrados. Em 1816, começou a realizar um estudo cuidadoso e sistemático das escrituras, pois tinha um grande interesse em profecias, isso o levou a descobrir “verdades bíblicas” diferentes daquelas sustentadas pela opinião popular de sua época. Baseado em seu estudo acerca da profecia de Daniel 8:14<sup>8</sup>, que diz: “[e] até duas mil e trezentas tardes e manhãs, o santuário será purificado”, e considerando, conforme era usual na época, que a palavra santuário referia-se a Terra, Miller calculou que Jesus Cristo poderia retornar a Terra (ao Santuário) em 22 de Outubro de 1844, para purificá-la do pecado (SEAMAN, 2001).

Nessa época, havia uma euforia coletiva muito propícia para o surgimento de seitas. Miller, aproveitando-se desse clima, pregou durante aproximadamente 13 anos em pelo menos 500 cidades. Mais de 200 pastores aceitaram suas concepções sobre a iminente vinda de Cristo a Terra. O número de crentes que se uniu ao milerismo chegou a aproximadamente 100 mil pessoas, que passaram a ser chamadas de

“mileritas”. Como sua pregação não se cumpriu, seus seguidores experimentaram o que ficou conhecido como “o grande desapontamento”. A maioria saiu em profunda desilusão, alguns voltaram-se para suas Bíblias na tentativa de entender o que havia acontecido. Eles concluíram que a data de 22 de Outubro estava correta, mas que Miller tinha predito o evento errado, pois, segundo eles, a profecia bíblica não previa o retorno de Jesus a Terra em 1844, mas o começo de um ministério especial no céu para seus seguidores – o “juízo investigativo”<sup>9</sup> - e continuaram a esperar pelo breve retorno de Jesus, como fazem os adventistas do sétimo dia ainda hoje em todo o mundo (SEAMAN, 2001).

A respeito dos movimentos surgidos nos Estados Unidos, comenta o historiador Jacques Le Goff:

[nos] países desenvolvidos, a revolução industrial, o salto tecnológico e a descristianização levaram as igrejas, as seitas e os indivíduos a reinterrogarem-se sobre o sentido da história e sobre a componente escatológica religiosa; nos países colonizados e, mais tarde, descolonizados, o encontro entre civilizações deu origem a um extraordinário florescimento milenarista<sup>10</sup> e messiânico (1992, p. 361).

O movimento adventista surgiu nesse cenário confuso e extremamente propício a teorias apocalípticas, a partir de um pequeno grupo que se recusou a desistir depois do “grande desapontamento”. Despontaram no meio daquelas pessoas vários líderes que construíram a base do que viria a ser a IASD. Destaca-se entre esses líderes um jovem casal, Tiago White e Ellen Gold White, e um capitão de navio aposentado, José Bates<sup>11</sup>. Em 1860, em Battle Creek, Michigan, EUA, um grupo de congregações de adventistas escolheu o nome oficial do movimento e, em 1863, organizaram formalmente o corpo da igreja com um número de 3.500 membros.

Após o fracasso inicial, era necessário reformular o sistema de crenças do movimento, esquecer os equívocos das previsões e iniciar novas práticas. Sendo assim, seus adeptos procuraram os pontos comuns entre os líderes e estabeleceram um novo tempo para o adventismo. José Bates foi quem influenciou na instituição da prática da observância do sábado como um dia sagrado, o que foi confirmado por Ellen White.

Segundo ela, esse mandamento precisava ser observado e que a sugestão de Bates veio apenas confirmar a visão que teve sobre o assunto. Bates foi um grande colaborador de Ellen e ajudou-a a formular outras doutrinas incorporadas ao movimento. Foi determinante na formação das doutrinas adventistas, o fato de Ellen White ter sido metodista quando solteira e de ter recebido com os escritos de John Wesley diversas orientações sobre saúde (FUCKNER, 2004).

O pequeno núcleo de adventistas começou a crescer e Ellen, apenas uma adolescente na época do “grande desapontamento”, desenvolveu-se em uma dotada escritora, oradora e administradora, tornando-se, e permanecendo, a conselheira espiritual de confiança dos adventistas por mais de 70 anos até sua morte, em 1915. O que é destacado no meio adventista é a grande quantidade de livros publicados por ela ou, pelo menos, atribuídos a ela: mais de 60 exemplares já traduzidos para a língua portuguesa. Um grande “milagre”, se levarmos em conta o fato de que essa senhora era praticamente uma semi-analfabeta, segundo seus fiéis, em decorrência de um acidente (uma pedrada no nariz) que sofreu quando ainda menina e que a impediu de prosseguir em seus estudos. Esse é um episódio contado e repetido pelos membros da IASD como uma “prova irrefutável” de seu dom profético. Comenta Silva (2000) que, na verdade, ela estudou apenas 3 ou 4 anos em escolas oficiais e contou com o apoio de seu marido, Tiago White, e de outros líderes do movimento para escrever seus artigos. Tais artigos foram, aos poucos, sendo compilados e editados em forma de livros, recebendo como autoria apenas o nome de Ellen White. Atualmente, seus herdeiros continuam a publicar obras como sua autoria, pois possuem todos os direitos autorais sobre esses primeiros escritos produzidos pelos líderes da IASD. Devemos levar também em consideração o fato de que Ellen White foi secretária de Joseph Smith, o “profeta” do mormonismo ou Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e que incorporou deste movimento religioso várias proibições.

A publicação e distribuição de literatura juntamente com a construção de sanatórios e casas de recuperação foram as principais alavancas para o crescimento do movimento adventista. O livro *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, publicado após a morte de Ellen White, foi uma compilação de artigos publicados nos jornais adventistas em circulação

na época. Foram extraídas de um contexto amplo, centenas de frases relacionadas à alimentação e, a partir delas, as citações foram sendo sistematizadas de modo que o comer ou o deixar de comer certos alimentos passou a assumir um papel moral e religioso determinante para os membros da igreja. O livro *A Ciência do Bom Viver* não prioriza o tema alimentação, mas o situa no quadro geral dos oito “remédios naturais” que citaremos mais adiante (FUCKNER, 2004).

O vegetarianismo desenvolvido em solo estadunidense, no entanto, foi quase um acidente decorrido da preocupação com a Guerra Civil. Ellen White começou a defender tal dieta em 1863 e, em 1866, foi criado o “Instituto de Reforma da Saúde”, em Michigan. O jovem médico John Harvey Kellogg, um convertido ao adventismo e à dieta vegetariana, foi nomeado diretor do instituto em 1876, quando recebeu um novo nome: “Battle Creek Sanitarium”. Sob sua direção, esse instituto funcionou como uma clínica de fama mundial. Nele, passou a funcionar um centro de fabricação de cereais para café da manhã que, posteriormente, foi transformado em uma indústria de alimentos e, atualmente, recebe o nome de “Sucrilhos Kellogg”. Kellogg era um porta-voz eloqüente da causa vegetariana, e quando a Sociedade Vegetariana da América foi organizada, em 1886, ele foi honrado com a posição de porta-voz principal. É de sua autoria *Dieta Natural para o Homem* (1923), um livro típico sobre o vegetarianismo defendido durante o final do século XVIII e o início do XIX (BLIX, 1992).

No final do século XIX, havia missionários adventistas instalados em todos os continentes e, em 1896, chegaram os primeiros missionários na América do Sul. No Brasil, a mensagem adventista chegou por meio de literatura impressa que ingressava nas colônias de imigrantes alemães e austríacos, nos estados de Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo. Atualmente, a IASD conta com mais de 12 milhões de membros espalhados em quase todos os países e mantém mais de 600 hospitais e clínicas ao redor do mundo. Além disso, mantém como campos de repouso e desintoxicação resultante de vícios ou vida sedentária. Esses missionários primam muito pela escolha da alimentação e são combatentes incansáveis contra todo o “excesso” e contra os “vícios” em geral, organizando palestras, cursos e até passeatas (SILVA, 2000).

## OS ADVENTISTAS E O MUNDO ANIMAL

Os adventistas da igreja do Marco consideram que o uso do porco na alimentação é uma transgressão muito grave e a falta de higiene desses animais é apontada como a mais importante razão para sua exclusão do cardápio desse grupo religioso. Jeremias<sup>12</sup>, um senhor recém convertido ao adventismo, considera que a imagem do porco corresponde à palavra sujeira, por isso, esse animal é um dos mais rejeitados. Ele considera que é uma violência matar esse animal para consumir a sua carne. A primeira vez que esteve em um matadouro, ficou apavorado:

os porcos são pendurados em correntes por uma das patas traseiras e degolados com uma faca afiada, onde se aguarda então sangue escorrer para os tanques, depois são colocados em água fervente. Muitos animais são mergulhados conscientes na fervura ou chegam ainda piscando os olhos na mesa de corte para serem esquartejados<sup>13</sup>.

Ellen White também destina para o porco as mais severas palavras. Ela comenta que esse animal é um verdadeiro limpador público, portanto, sua carne compõe-se do que eles comem, encontrando-se em seu tecido muitos parasitas. “Nunca, sob nenhuma circunstância, devia sua carne ser ingerida por criaturas humanas [pois] comer porco tem produzido [...] lepra e câncer” (1975, p. 393).

Para os hebreus o porco “[...] era o animal impuro por excelência, pois é ao mesmo tempo herbívoro e carnívoro, híbrido, além de não ruminar”<sup>14</sup> e não se alimentar de animais imundos era “[...] um dever religioso e, mais ainda, a condição para que seja mantido o pacto<sup>15</sup> que assegura aos israelitas a proteção do Altíssimo” (FLANDRIN; MONTANARI, 1966 - apud PAULA, 2002, p. 4). A caça só serviria para alimento se compartilhasse das características dos animais de criação, o que permitia a caça de antílopes, cabra selvagem e carneiro selvagem. Douglas (1976) comenta que não havia razão para que o povo hebreu criasse o porco, um animal que não fornece leite, couro ou lã. Portanto, não ter os elementos necessários para enquadrar-se na definição de gado é a única razão dada, no antigo testamento, para que o porco fosse evitado.

Motta-Maués; Maués (1978 e 1980) comentam que não é possível fazer uma classificação estática ou absoluta dos alimentos em Itapuá e que a classificação dos alimentos na região pode ser feita em dois grupos: os reimosos<sup>16</sup> e não-reimosos. Eles afirmam que é necessário levar em conta três momentos diferentes: o alimento em si, o modo de preparo do alimento e o estado da pessoa que vai consumi-lo. Por exemplo, mulheres parturientes ou menstruadas e pessoas detentoras de algum ferimento exposto, normalmente não consomem alimentos reimosos. Sara<sup>17</sup>, por exemplo, uma dona de casa vegetariana há pouco tempo, afirma não comer de jeito nenhum carne de porco, pato, caranguejo, camarão, siri, peixes de pele (segundo ela, o peixe tem que ter escama e barbatana). Em todo o nordeste do Pará, estes alimentos também são evitados em algumas situações, e são conhecidos pela população local como reimosos.

Em Itapuá, as restrições, geralmente, são feitas às pessoas que estão na condição que Victor Turner denominou de liminar. Este antropólogo faz uma observação interessante que nos ajuda a entender as diferenças entre as práticas alimentares dos itapuaenses e dos adventistas. Tentaremos realizar, neste momento, uma aproximação dos itapuaenses às sociedades tribais ou “tradicionais” e identificando os adventistas do sétimo dia às sociedades modernas ou “complexas”.

O que parece ter acontecido é que, com o incremento da especialização da sociedade e da cultura, com a progressiva complexidade na divisão social do trabalho, aquilo que era na sociedade tribal principalmente um conjunto de qualidades transitórias entre estados definidos da cultura e da sociedade, transformou-se num estado institucionalizado [...] A transição tornou-se, neste caso, numa condição permanente (1974, p. 131).

Uma outra perspectiva de análise, porém, pode ser feita se lavarmos em consideração o fato de que os adventistas estão constantemente aguardando uma vida em outra condição e lugar, pois compreendem que vivem neste mundo apenas de passagem e devem manter-se puros para irem “ao céu”. Assim, para esse grupo religioso, a dieta alimentar transformou-se em um dos componentes de um estado de pureza que deve ser mantido em todo o tempo e em qualquer circunstância, diferentemente dos itapuaenses que consideram como liminar apenas algumas situações específicas e transitórias de seu cotidiano.

Os defensores de uma dieta vegetariana, como o jovem pastor Moisés, têm argumentos muito fortes que não passam por nenhuma dessas análises:

a carne é a causa da maioria dos casos de intoxicação alimentar; a maior parte desses animais servidos em restaurantes e vendidos nos açougues e supermercados é criada intensivamente, sem acesso ao ar fresco e à luz solar, e sem liberdade de movimentos, o que pode causar uma grande quantidade de doenças<sup>18</sup>.

O regime alimentar prescrito pelos adventistas remonta, segundo eles, ao que foi estabelecido no livro de Gênesis, ou seja, uma alimentação baseada em frutas, hortaliças, legumes, grãos, sementes e cereais. Para fundamentar essa idéia, nossos interlocutores normalmente referem-se ao verso 29 do primeiro capítulo deste livro. Eles acreditam que “Deus”, no princípio, disse ao homem, pessoalmente, as seguintes palavras: “eis que vos tenho dado toda a terra; e toda a árvore em que há fruto de árvores que dá semente, ser-vos-á para mantimento”. Os tabus alimentares dos adventistas da igreja do Marco não se restringem à tradição da reforma protestante, mas partiram daí e foram, posteriormente, complementados por uma releitura dos textos do antigo testamento.

Os adventistas da igreja do Marco procuram seguir uma dieta que pressupõe a exclusão da carne como alimento, pois para eles comer carne é manter, simbolicamente, um parentesco com os animais ou, como preferem nossos interlocutores, com a “natureza humana”, que é animal e pecaminosa. Ser vegetariano, portanto, seria, de forma simbólica, uma maneira de afastarem-se dessa natureza e elevarem-se espiritualmente. Sua profetisa escreveu claramente, em diversos artigos, que a dieta vegetariana poderia equilibrar o temperamento de pessoas “irritadiças” ou com “muito desejo sexual”, além de evitar inúmeras doenças. Ela tinha a concepção de que o alimento cárneo poderia contaminar o sangue, levando as pessoas a cometerem pecados, pois estimularia as paixões animais inferiores, enfraquecendo a percepção e o vigor do pensamento. A autora explica que a carne é corruptora do fluido vital que corre através das nossas veias e como a força vital é extraída do sangue, ele precisa estar limpo, puro e saudável.

Para ilustrar, vamos retomar a primeira visita de Jeremias a um matadouro. O barulho do gado causou-lhe forte impressão:

Não era o mugido bucólico e agradável de uma estrada rural próxima a uma fazenda, mas um mugido horrível, desesperador. Além daquele barulho, ouvia um som estridente, uma espécie de chiado que só podia ser de uma serra cortando ossos ainda envoltos em carne. Enquanto me aproximava, senti pela primeira vez a combinação de odores que permaneceria durante as próximas horas: o cheiro enjoado e nojento de carne recém-abatida ainda quente. Já lá dentro vi que o animal é levantado por uma das pernas e fica pendurado, enquanto o açougueiro drena o sangue do corpo fazendo um corte no pescoço do animal. Quando as veias são cortadas sai uma grossa corrente de sangue. Logo em seguida, o corpo é todo esquartejado e a urina e as fezes que não foram drenadas correm pelo chão.

Davi, advogado e professor da Escola Sabatina<sup>19</sup>, conta que quando o gado chega nos matadouros é colocado em uma área onde fica por algumas horas sendo enfileirado para a entrada no prédio de abate, momento em que ficam mugindo nervosamente. Quando chega a hora do abate propriamente dito, o gado é enfileirado em um curral e um funcionário começa a conduzi-los por uma porta de aço, com o auxílio de uma vara de choque. Nesse momento, eles ficam muito nervosos, há verdadeiro pânico e eles tentam fugir dando saltos. Essas imagens normalmente são revividas e relatadas por alguns interlocutores quando desejam justificar sua repulsa ao alimento cárneo. Alguns adventistas comentam que as pessoas jamais comeriam um bife de boi se pensassem nos animais que foram sacrificados para que aquele pedaço de carne chegasse até a sua mesa. Até mesmo o frango é evitado nas refeições entre os adventistas do Marco (FUCKNER, 2004).

Samuel, empresário e líder da mocidade, conta que poucas fazendas hoje em dia são iguais àquela imagem que temos das fazendas antigas: um lugar aprazível, tranquilo, com galinhas cercadas de pintinhos ciscando, supervisionados pelo galo empoleirado no alto do celeiro.

[...] as fazendas que abastecem as grandes cidades não são mais controladas por pessoas simples do interior. Fazenda agora é um grande negócio. Os pequenos produtores têm que adotar os mesmos métodos que as grandes empresas ou então fecham seu negócio. Os métodos adotados

cortam custos e aumentam a produção. Animais são tratados como máquinas que convertem rações baratas em carne, ovos e leite mais caros. O grau de confinamento ao qual a galinha poedeira está sujeita é extremamente alto e impõe severas restrições ao seu comportamento normal. Elas não podem voar, ciscar, se empoleirar nem andar livremente. Em alguns casos, o número de galinhas chega a nove galinhas por gaiola<sup>20</sup>.

Ele explica também que até a produção de ovos é afetada e, por isso, recomenda a eliminação dos mesmos na alimentação se a pessoa não puder conhecer sua origem.

Devido ao estresse que as galinhas enfrentam, elas disputam o espaço com bicadas. Isso causa prejuízo aos avicultores, e é a principal motivação para o corte da ponta dos bicos das aves feita com uma lâmina aquecida. Essa lâmina é aplicada na ponta do bico das aves, por onde correm vasos sanguíneos, causando dor intensa. Quando a produção de ovos diminui, o avicultor tem duas alternativas: ou vende o lote para o abate, ou força a perda de penas sazonal. [...] O avicultor provoca essa reação fisiológica de maneira artificial, por meio de um choque biológico: por dois dias, as galinhas não terão nem água, nem alimento. Em muitos casos, são utilizados hormônios para apressar este processo.

Os adventistas consideram que a excitação a que esses animais são expostos é responsável pela transmissão de diversas doenças que podem causar males ao sistema nervoso dos consumidores e até mesmo a loucura. É interessante observarmos que mesmo entre não adventistas existem certas restrições a alimentos de origem animal, é o caso verificado por Maués; Motta-Maués, na localidade de Itapuá:

[...] os verdadeiros animais 'de cria' [...] são a galinha e o gado bovino comum [e que] de todos os animais domésticos considerados comestíveis, os únicos que não apresentam fortes indícios de poderem ser incluídos no grupo dos reimosos são a galinha (não o galo, nem o frango) e o gado bovino. Outros animais, como o porco, o pato, o peru etc., são normalmente considerados como reimosos [...] (1978, p. 127-128).

Para os adventistas, os ovos e a gordura animal só podem ser ingeridos com moderação: no caso dos ovos, há uma abertura para comerem apenas 3 por semana, mas não é permitido o consumo de carnes com gordura. No livro de Levítico - capítulo 7, verso 23 - existe uma proibição clara ao uso da gordura como alimento: "Nenhuma gordura de boi, nem de carneiro, nem de cabra comereis". Em certos procedimentos de populações tradicionais do Pará, encontraremos hábitos muito semelhantes. É o caso dos itapuaenses que normalmente acreditam que se um animal possui gordura em excesso, provavelmente será considerado prejudicial à saúde ou, usando um termo peculiar à região, o animal será reimoso (MOTTA-MAUÉS; MAUÉS, 1980).

#### OS ADVENTISTAS E OS PRODUTOS DA TERRA

Na obra de White (1990), observamos claramente sua preocupação com o desenvolvimento industrial e tecnológico, com o crescimento das cidades e com os problemas decorrentes do progresso científico e material verificados nos Estados Unidos, no final do século XIX. Muitos conselhos registrados em seu livro referem-se aos benefícios da vida no campo e do trabalho braçal na lavoura ou em indústrias artesanais. Em decorrência disso, muitos adventistas da igreja do Marco, que vivem na cidade, sonham viverem no campo. Samuel, por exemplo, que é proprietário de uma granja, mas que trabalha como engenheiro em Belém, nos disse que gostaria de ir embora para o mato, criar galinha, pois não gostaria que seu filho vivesse na bagunça da cidade e corresse os "riscos inevitáveis" desse ambiente. Ele conta que já foi assaltado várias vezes. Sua preocupação maior é com a sua saúde, por isso, gostaria de respirar ar puro e comer alimentos frescos. Essa mesma preocupação é compartilhada por Davi que sonha viver em comunidade e lamenta o fato de não ter conseguido adquirir uma propriedade na Estrada do Coqueiro, no município de Ananindeua<sup>21</sup>. Ali, segundo ele, será construído um internato adventista, onde possivelmente residirão muitos adventistas que formarão uma espécie de comunidade agrícola.

O historiador Jacques Le Goff explica a tendência de alguns grupos ou de indivíduos isolados em buscarem uma vida distante dos modelos apresentados pela modernidade.

[A] angustiante espera de um fim catastrófico colocada, a torto e a direito, sob uma bandeira apocalíptica; por outro, o desejo do regresso a um paraíso natural. É a generalização latente de uma espera escatológica, num clima de vaga religiosidade e/ou de pseudociência [cf. ROSZAK, 1969]. Esta situação pode, todavia constituir também um elemento suplementar para o recrutamento de seitas explicitamente escatológicas, na linha dos movimentos milenaristas da 'restituição'<sup>22</sup>, dos quais os mais significativos são, sem dúvida, os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová, que são vários milhões no mundo (1992, p. 364).

A citação de Le Goff nos ajuda a compreender muitas das afirmações feitas por White e sua exagerada preocupação com a vida nas cidades. A escritora inicia sua apologia à vida natural da seguinte maneira: “[a] vida do Salvador na Terra foi de comunhão com a Natureza e com Deus. Nessa comunhão revelou-nos Ele o segredo de uma vida de poder” (1990, p. 51). Assim, espera-se que todo adventista faça o mesmo, ou seja, que busque a comunhão com Deus por meio da oração e da leitura da Bíblia, além do contato com a natureza, considerada como uma das revelações de “Deus” aos seres humanos. Ela completa afirmando que, Jesus, ao preparar os discípulos retirava-se muitas vezes da “[...] confusão da cidade para um lugar tranquilo nos campos [...]” (1990, p. 52).

Os argumentos da escritora são favoráveis a uma vida rural e demonstram claramente sua aversão ao progresso e à urbanização. Esse estilo de vida é denominado, por ela, de “civilização artificial”, a grande fomentadora dos grandes males da humanidade: baixa resistência física e mental, intemperança, crime, miséria e doença. Como solução da última destas mazelas, recomenda: “[em] caso de doença, convém verificar a causa. As condições insalubres devem ser mudadas, os maus hábitos corrigidos [...]. Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino – eis os oito verdadeiros remédios” (1990, p. 127).

Ao descrever o cotidiano de seus conterrâneos que moravam nas cidades, que cresciam rapidamente com o processo de industrialização, White é enfática em apelar para que eles deixem as cidades e se dirijam ao campo, onde poderiam, segundo ela, sobreviver com dignidade.

[...] que bênçãos lhes seria deixar a cidade com suas excitações para o mal, sua agitação e crime, sua miséria e torpeza, para a quietação, a paz e a pureza do campo! Para muitos dos que residem nas cidades, sem ter um cantinho de relva verde em que pisar, que olham ano após ano para pátios imundos, becos estreitos, paredes e pavimentos de tijolo e céus nublados de poeira e fumaça – pudessem eles ser levados a algum distrito agrícola, circundado de verdes campinas, matas colinas e riachos, os límpidos céus e o ar fresco e puro dos campos, isto lhes pareceria quase um paraíso (1990, p. 190-191).

Segundo White, eram diversos os prejuízos que a vida na cidade poderia causar aos seres humanos, especialmente à sua saúde. “O Senhor deseja que seu povo se mude para o campo, onde se poderá estabelecer na terra, cultivar suas próprias frutas e verduras, e onde os filhos poderão estar em contato direto com as obras de Deus na Natureza” (1991, p. 43). Essa preocupação pode ser percebida ainda hoje: Samuel, por exemplo, adquiriu uma propriedade no município de Benfca<sup>23</sup> para a criação de frangos e cultivo de hortas. Ele conta que não quer ficar muito tempo na cidade, pois pretende ir para o interior após concluir certos negócios. Explica que pode até comer “um peixinho” que ele pescar, mas considera que o mais importante para viver com saúde é comer frutas e verduras frescas.

A profetisa do movimento adventista demonstrou uma constante preocupação com a necessidade de sujeição do corpo ao controle racional. Ela considerava que o campo seria um local apropriado para uma vida simples, porque acreditava que o trabalho árduo a ser desenvolvido naquele lugar proporcionaria mais energia ao organismo. O corpo, segundo ela, é o único agente pelo qual a mente e a alma se desenvolvem para a edificação do caráter. Por essa razão, o “inimigo das almas” dirige toda sua atenção para o enfraquecimento e degradação das faculdades físicas. Para ela, o corpo do crente tem de ser posto em sujeição da mente e as paixões devem ser regidas pela vontade, e esta deve, por sua vez, submeter-se à direção de “Deus” (WHITE, 1990).

Essa íntima relação entre corpo e mente, sempre foi estabelecida por White em seus escritos, daí sua grande preocupação com os hábitos alimentares. Para essa profetisa, era extremamente necessário manter o corpo sadio para compreender a vontade de “Deus”. Senão vejamos: “[o]



estômago está intimamente relacionado com o cérebro; e quando ele está doente, a força nervosa é chamada do cérebro em auxílio dos enfraquecidos órgãos digestivos [assim], o cérebro fica congestionado" (1990, p. 306). Ou ainda: "[aquilo] que corrompe o corpo, tende a contaminar a alma. Incapacita o que o usa para a comunhão com Deus, torna-o inapto para serviço elevado e santo" (1990, p. 280). Essa preocupação é compartilhada por Samuel, que se achava muito gordo e atribuía a isso toda a sua indisposição e irritação. No início, quando resolveu parar de comer carne, sentia muita fraqueza, mas, segundo ele, o corpo foi se acostumando e agora ele diz sentir-se bem melhor. Ele argumenta que pessoas dinâmicas, como os empresários, buscam alternativas para a correria em atividades ao ar livre, em contato com a natureza e com uma alimentação saudável.

White chega a relacionar as decisões das pessoas ao alimento por elas ingerido, o "estômago perturbado produz um estado mental incerto e perturbado, causando muitas vezes irritabilidade, aspreza e injustiça. Muito plano que haveria sido uma bênção para o mundo tem sido posto à margem; muitas medidas injustas, opressivas e mesmo cruéis têm sido executadas em resultado de estados enfermos, resultantes de hábitos errôneos no comer". (1990, p. 310).

Samuel considera que um forte indicio para que a alimentação vegetariana seja a mais apropriada para o homem é a comparação do corpo humano com o corpo dos animais carnívoros.

Após uma simples comparação anatômica e fisiológica entre os carnívoros e os homens, é muito fácil de perceber que corpo humano não é apropriado à dieta com carnes. As partes do corpo humano mais diferentes dos carnívoros são os dentes e as glândulas salivares e o ácido estomacal (20 vezes menos concentrado no homem em relação aos animais carnívoros). O trato intestinal destes animais é em média 10 vezes maior que o tamanho do nosso. O homem tem uma digestão lenta, assim a carne, que já estava em processo de decomposição desde a morte do animal, continua a decompor-se no interior do intestino do homem, causando muitos problemas devido à grande quantidade de toxinas que são liberadas durante este processo.

Mas, e a proteína animal não essencial para a sobrevivência da espécie humana? Embora seja claro que a proteína é um nutriente essencial, com muitos papéis fundamentais no funcionamento de nosso corpo, os adventistas defendem que não precisamos de grandes quantidades. O Médico Marcos, que atende no Hospital Adventista de Belém, um dos mais conceituados hospitais da região, explica que:

Um sistema alimentar que reúna todos os legumes, frutas, verduras, cereais e raízes, mais leite, queijo, coalhada e ovos, não pode ser considerado carente de proteínas. Os nutrientes estão, de uma maneira geral, divididos em cinco classes: carboidratos, proteínas, gorduras (incluindo óleos), vitaminas e minerais. Também precisamos de fibras e água. Todos estes nutrientes são igualmente importantes para nosso bem estar, e são necessários em quantidades variadas. Muitas pessoas se preocupam que, ao pararem de comer carne ou peixe, podem sofrer alguma deficiência nutricional. Este não é o caso, já que todos os nutrientes necessários podem ser facilmente obtidos através de uma dieta vegetariana balanceada<sup>24</sup>.

Lucas, um médico mais experiente e bastante respeitado entre os adventistas de Belém, explica que a idéia que temos normalmente é a de que só os alimentos de origem animal contêm proteína, mas esta idéia, segundo ele, não passa de falta de informação. Ele esclarece que, na verdade, não ingerimos proteínas, pois esses nutrientes produzidos por nosso organismo a partir da síntese de 20 aminoácidos<sup>25</sup>. Destes, apenas oito não são produzidos pelo corpo humano e devem ser adquiridos por meio de fontes alimentares - são os chamados essenciais. "Quando falamos em comer proteínas, estamos, na verdade, nos referindo a estes aminoácidos essenciais", comenta. Ele explica ainda que os alimentos de origem animal contêm, em geral, os oito aminoácidos essenciais, já os legumes, nozes e grãos integrais, apesar de boas fontes de proteína, não suprem individualmente a necessidade humana de proteínas. No entanto, é com a utilização de uma grande variedade destes alimentos em nossa dieta que podemos suprir toda a carência de proteínas, pois quando misturamos alimentos, qualquer deficiência em um é cancelada pelo excesso em outro (FUCKNER, 2004).

Samuel diz que nós misturamos alimentos ricos em proteína o tempo todo, sendo vegetarianos ou não. Para ele, essa é uma “atitude normal na maneira humana de se alimentar”. Argumenta ainda que:

Quase todos os legumes, feijões, cereais, nozes e sementes contêm bastante proteína. No entanto, as frutas, os açúcares e as gorduras não fornecem muita proteína, e assim uma dieta baseada apenas nestes alimentos, com grande probabilidade, será pobre em proteína. Adicionando a estes alimentos, produtos como os ovos e leite e seus derivados, seguramente podemos obter os aminoácidos que faltam. Em uma dieta variada que contenha legumes, feijões, cereais, nozes, castanhas e sementes não será difícil conseguir proteína suficiente, contanto que a mesma contenha caloria suficiente para manter o peso.

Marcos argumenta que as pessoas que comem carne, na realidade, estão ingerindo mais proteínas do que o necessário:

Uma dieta vegetariana pode facilmente suprir a quantidade de proteínas diárias que uma pessoa necessita, sem oferecer quaisquer tipos de riscos à saúde. Uma dieta vegetariana bem feita supre inclusive todas as necessidades de ferro de uma pessoa. Reconheço que o ferro contido na carne é mais facilmente absorvido que em outros alimentos, mas uma dieta vegetariana rica em vitamina C, encontrada em abundância em frutas cítricas como laranja, limão e acerola, possibilita a absorção de ferro de maneira mais eficaz do que nas dietas à base de carne. O ferro pode ser encontrado nas folhas verdes, no pão integral, no melado, nos ovos, nas frutas secas, na lentilha, na macaxeira e também no açaí.

#### OS ADVENTISTAS E SEUS RITUAIS DE COMENSALIDADE

A culinária adventista não só permite, mas estimula certos requintes como as sementes de linhaça, de abóbora e de girassol. Em substituição ao feijão preto, que é considerado indigesto, podem ser usados diversos grãos, como ervilhas, lentilhas, amendoins, grão-de-bico, além de nozes, amêndoas, castanha-do-pará, castanhas de caju. Cereais, como trigo, aveia, centeio, milho, arroz podem ser colocados à mesa de

maneira alternada. Derivados de soja, como leite de soja, queijo de soja (*tofu*) e a carne de soja (PVT ou PTS)<sup>26</sup>, são delícias que as donas de casa preferem fazer artesanalmente em suas casas para fugirem de qualquer tipo de produto químico. Essa variedade ainda pode ser acrescentada por diversos arranjos que as cozinheiras fazem para adaptarem-se às condições do local onde vivem, utilizando certas receitas de pratos bastante usuais na região, trocando os ingredientes desaconselhados pelos líderes religiosos (geralmente as carnes) por outros de origem vegetal.

Nossas amigas cozinheiras nos mostraram receitas bastante significativas, como feijoada vegetariana, caranguejo vegetariano, bacalhoda vegetariana, vatapá de palmito, omelete de repolho, bife de cenoura, bife de batata, bife de lentilha, churrasquinho vegetal, hambúrguer vegetariano, hambúrguer de lentilha, hambúrguer de berinjela, stroganoff vegetariano, lasanha de espinafre, pizza integral, quibe vegetariano, cajuzinho de soja e, por fim, assados, almôndegas, croquetes, panquecas, suflês e tortas de legumes (FUCKNER, 2004b).

O desjejum (nunca café da manhã) é considerado como a principal refeição do dia. “Pela manhã deve-se comer como um rei, no almoço como príncipe e à noite como mendigo”, dizem quase todos justificando essa prática. O desjejum deve ser reforçado e pode incluir pão integral, mel de abelha, frutas, aveia, sucos naturais, iogurte natural, leite, cevada, germen de trigo, granola e sucrilhos. À noite não é aconselhável comer muito e, de preferência, a refeição deve ser servida cedo para não atrapalhar o sono. O jantar quando feito deve ser frugal, para que o estômago não fique sobrecarregado: biscoitos salgados, torradas, leite ou chá morno, uma sopinha de legumes ou canja de galinha (para aqueles que não são vegetarianos) são recomendáveis para uma boa noite de sono.

O almoço pode ser substancial, mas sem exageros. Para eles, comer com moderação também é importante para manter a saúde. O alimento deve ser muito bem mastigado para facilitar a ação da saliva e o trabalho do estômago. Após triturado e misturado com a saliva, o alimento desce pelo esôfago e chega ao estômago, onde é misturado ao suco gástrico, cheio de enzimas, iniciando-se a digestão das proteínas. As carnes sempre devem ser evitadas, mas as verduras podem ser ingeridas em grande quantidade e as saladas, variadas e apetitosas, seguem um

preparo geralmente acompanhado por um grande cuidado com a beleza advinda da variedade de cores dos vegetais.

Eles recomendam que as refeições, principalmente o almoço, devem ser feitas em lugar tranquilo e sem pressa para que as preocupações e a ansiedade não atrapalhem a digestão. As pessoas nunca devem comer andando, assistindo à televisão ou discutindo com alguém, pois, dessa maneira, poderão comer exageradamente sem perceber, visto que levarão mais tempo para sentirem-se satisfeitas. Líquido durante o almoço sempre deve ser evitado, mas recomendam ingerir muita água (de 2 a 3 litros ao dia), nos intervalos entre as refeições, para a manutenção das funções normais do organismo.

As refeições de sábado são consideradas especiais, a comida deve ser preparada com mais cuidado. Geralmente, tudo fica pronto na sexta-feira, antes do sol se pôr; guardam-se os pratos na geladeira, sendo apenas aquecidos no dia seguinte, quando retornam do “culto divino”. O jantar, na sexta-feira, sempre é servido após o “culto doméstico”, momento em que a família é preparada para a “guarda” do sábado. Este é um momento ritual dos mais marcantes e significativos para um adventista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa, observamos que a incorporação de códigos culturais de um lugar e um tempo bem distantes e que ficaram, pelo menos em parte, registrados no Gênesis, no Levítico e no Deuteronômio, só foi possível pela comoção que os tempos modernos causaram na sociedade estadunidense. A partir do século XIX, período da formação do movimento adventista, houve uma grande mudança no estilo de vida de grande parte dos habitantes dos Estados Unidos da América com influências diretas na indústria alimentícia, nos métodos adotados pela medicina e nos hábitos alimentares que, no entender da antropóloga Rosana Lamónaca (1996), conduziu a um caos ou vazio que permitiu o afloramento de idéias de retorno ao “Éden perdido” – uma tentativa de volta às origens.

Em decorrência disso, a valorização ao consumo de alimentos que a natureza nos proporciona, sem a introdução de produtos químicos, seria uma das formas de revivermos uma condição perdida pelo processo

de urbanização e industrialização. Isso possibilitou aos mórmons (membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) e, posteriormente, aos adventistas, a ressignificação dos conceitos de pureza e santidade encontrados no antigo testamento bíblico no continente norte-americano e, mais recentemente, em terras brasileiras.

Nesse momento, há uma possibilidade para rediscutirmos a “racionalidade adventista”, e o exemplo da soja é o mais apropriado por ser recomendado até para a solução de graves doenças ainda sem uma confirmação da ciência médica, como o câncer. Isso, a nosso ver, só é possível num conjunto de crenças com força suficiente para estabelecer vínculos afetivos, ou “um sistema de símbolos” para sermos fiel a Geertz (1978). O adventismo é um sistema religioso com essa eficácia simbólica. Assim, diríamos que, além de haver uma preocupação da igreja como um sistema religioso institucionalizado que incentiva as pessoas a tomarem a decisão de comer certos alimentos e deixarem alguns de lado, há um encantamento ou reencantamento (para lembrar e criticar Weber) por parte de seus membros com relação a certas noções culinárias que os motivam a viverem de tal modo que suas práticas alimentares contenham a magia de todos os rituais praticados por seguidores de qualquer outro sistema religioso.

Para finalizar, atrevemo-nos a dizer que a verdadeira religião adventista é a culinária e que os tabus alimentares entre esse grupo religioso são sempre reatualizados pelo discurso médico oficial. A igreja do Marco constitui um exemplo desse fato, pois além de estar localizada muito próximo ao Hospital Adventista de Belém, mantém em seu quadro de pregadores os médicos deste hospital, que contam muitas vezes com mais prestígio do que os próprios pastores. Assim, as críticas vindas de fora do movimento são respondidas a partir da ciência médica oficial, estimulando a racionalização e a atualização dos tabus.

## NOTAS

- 1 Há mais dois movimentos oriundos deste: os adventistas da promessa (pentecostais) e os adventistas da reforma (ortodoxos com relação à dieta alimentar). Daqui por diante, faremos referência aos adventistas do sétimo dia apenas como adventistas.

- 2 A escolha desta expressão, além de privilegiar um termo utilizado pelos próprios adventistas, é uma tentativa de evitar a expressão naturalismo, que remete a concepções filosóficas não compartilhadas pelo grupo estudado, ou naturismo, termo associado a um estilo de vida voltado à prática do nudismo, repudiada pelos adventistas.
- 3 A rigor, o vegetariano exclui por completo o uso de carnes e derivados (leite e ovos). Há variações desta dieta, como o ovo-lacto-vegetarianismo, com o uso de leite, ovos e vegetais.
- 4 Ex-metodista norte-americana que viveu entre 1827-1915, casou-se com Tiago White (homem erudito). Foi uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo dia (IASD) e é considerada sua única profetisa até hoje; foi influenciada por John Wesley, que publicou um vasto material sobre dieta alimentar em língua inglesa; foi secretária de Joseph Smith, que proibia, aos "mórmons", o uso do café, do chá preto, do fumo, do álcool e da coca-cola, e fazia restrições à carne de porco e à pimenta.
- 5 Este pequeno povoado, formado por pescadores, está localizado no município de Vigia, no nordeste do Estado do Pará.
- 6 Movimento assim denominado por ter como líder William Miller.
- 7 Crença em um deus que criou o universo e suas leis, mas que não tem uma atuação direta no processo histórico e nos problemas da humanidade.
- 8 O estudo detalhado deste texto bíblico constitui uma das bases teológicas mais importantes da IASD.
- 9 Doutrina peculiar ao movimento adventista, não compartilhada pelas demais denominações cristãs.
- 10 Doutrina que ensina a existência de mil anos de paz na Terra, sob o reinado de Jesus Cristo.
- 11 Um ex-seguidor da Igreja Batista do Sétimo Dia, uma das seitas batistas que surgiram no século XVII.
- 12 Os nomes de nossos interlocutores são fictícios.
- 13 Entrevista concedida no dia 18 de novembro de 2002.
- 14 No livro de Levítico, há uma clara proibição ao uso, na alimentação, de animais que não ruminam e não possuem patas fendidas. Por exemplo, o porco possui as patas fendidas, mas não rumina, o cavalo rumina, mas não tem as patas fendidas. O boi pode ser usado como alimento porque possui as duas características.
- 15 Os relatos contidos no antigo testamento demonstram a crença em uma aliança ou pacto dos hebreus com o Deus Javé.
- 16 A palavra reimoso é utilizada em Itapuá para referir-se ao alimento que pode fazer mal a determinadas pessoas em certas circunstâncias específicas. Este conceito pode se referir também à flora e não apenas à fauna, assim, há a noção de fortidão contida em certos alimentos de origem vegetal. Pesquisadores já demonstraram que este conceito pode ser encontrado em toda a Amazônia, inclusive fora do Brasil, e também na Região Nordeste e Centro-Oeste do Brasil.

- 17 Entrevista realizada em 15 de abril de 2003.
- 18 Entrevista concedida no dia 16 de abril de 2003.
- 19 Escola Sabatina é um momento de estudos sistemáticos sobre a Bíblia que antecede ao "culto divino" (momento da pregação).
- 20 Entrevista concedida nos dias 9 e 16 de abril de 2003.
- 21 Município paraense, próximo a Belém.
- 22 Pregação sobre o retorno a uma vida paradisíaca em um Jardim do Éden, aqui na Terra, após sua completa restauração.
- 23 Benfica, Benevides e Marituba são municípios paraenses próximos a Belém, onde podem ser encontradas muitas propriedades para quem almeja ficar distante da cidade grande.
- 24 Entrevista realizada no dia 23 de agosto de 2003.
- 25 Substâncias químicas formadas por carbono que se agrupam formando proteínas.
- 26 A Proteína Texturizada de Soja (PTS) ou Proteína Vegetal Texturizada (PVT) é também conhecida como carne de soja e pode ser obtida do grão de soja, após o processo de extração do seu óleo. É constituída em média de 53 % de proteína de alto valor biológico.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Revista e Atualizada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida.
- BLIX, G. "História do Vegetarianismo". In: *Revista Vibrant Life*. v. 8, n. 3, p. 3 e 4, 1992.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FUCKNER, I. O imaginário adventista sobre a natureza dos alimentos. In: REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS, 9., 2005. Manaus/Roraima. Construindo o diálogo: caminhos – redes – relacionamentos. Manaus/Roraima, 2005.
- \_\_\_\_\_. Comidas do céu, comidas da terra: invenções e reinvenções culinárias entre adventistas do sétimo dia, em Belém do Pará. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA, ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 5, 2004. História & Literatura. Belém, ANPUH, 2004b.
- \_\_\_\_\_. *Comidas do céu, comidas da terra: invenções e reinvenções culinárias entre os adventistas do sétimo dia (Marco-Belém-Pará)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

- GEERTZ, C. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LAMÓNACA, R. Los encuentros entre lo sano, lo natural y lo religioso. *Revista Horizontes Antropológicos: comida*. v. 2, n. 4: p. 85-93. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1996.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992.
- LESSA, R. S.; SCHEFFEL, R. M. (Eds.) *Nisto Cremos: 27 ensinios bíblicos dos adventistas do sétimo dia*. Tatuí, SP: CPB, 1989.
- MAUÉS, R. H.; MOTTA-MAUÉS, M. A. O modelo da 'reima': representações alimentares em uma comunidade amazônica. *Anuário Antropológico*. Brasília, v. 77, 1978.
- MOTTA-MAUÉS, M. A.; MAUÉS R. H. *O Folklore da alimentação: tabus alimentares da Amazônia - Um estudo de caso numa população de pescadores do litoral paraense*. Belém: Falangola, 1980.
- PAULA, A. R. V. de. A Comida e o Sagrado. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPÓLOGOS, 23., 2002. Gramado, RS, *Caderno de resumos...* Gramado, RS, 2002.
- SEAMAN, J. *Quem são os Adventistas do Sétimo Dia?* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- SILVA, M. V. da. *Verdade sobre o sábado*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2000.
- TURNER, V. *O Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989
- WHITE, E. G. *Vida no Campo: um auxílio para a segurança moral e social*. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A Ciência do bom viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

## A TRANSGRESSÃO DE LIMITES NOS LIMITES DA LINGUAGEM

Ricardo Pimentel Mélo

Departamento de Psicologia Social e Escolar/UFGA

*Os cantos proibidos do Marquês de Sade*. Direção de Phillip Kaufman. Intérpretes: Geoffrey Rush, Kate Winslet, Joaquim Phoenix, Michael Caine. EUA: Fox Searchlight Pictures, 2000. 1 DVD (124 min.).

As reflexões que me proponho a fazer têm relação direta com os estudos a que venho me dedicando nos últimos seis anos: as práticas discursivas. O título foi inspirado em um artigo publicado pelo filósofo Peter Pelbart, em janeiro de 2000, comentando a obra *Foucault, a filosofia e a literatura*, escrita pelo também filósofo Roberto Machado. Mas, antes de começar o tema propriamente dito, vou contar, um pouco, a história de Sade.<sup>1</sup>

Sade nasceu na cidade de Paris, em 02 de junho de 1740 (263 anos atrás), filho de um conde considerado "devasso" e mãe "indiferente" (CLEMENTS, 2002). Aos cinco anos, foi enviado para ser "educado" por seu tio, o "infame degenerado" Abbe de Sade, e depois, aos jesuítas (Ibid.). Morreu em 1814, aos 74 anos, em um asilo psiquiátrico francês. O seu último pedido, ter um túmulo sem nome em um cemitério rural para que todos os seus traços desaparecessem da face da terra, não foi respeitado pelo seu filho, que se incumbiu de todos os rituais católicos apostólicos romanos, enterrando seu pai no cemitério do asilo sob uma cruz. Nem mesmo depois de morto, o seu corpo teve sossego: anos depois, foi desenterrado e seu crânio levado por um médico para estudos.

Em 1763, Sade casou-se com Renée-Pélagie Cordeir, com quem teve dois filhos e uma filha. Nesse mesmo ano, foi preso pela primeira vez, por 15 dias, por libertinagem em uma casa de prostituição. Separou-se em 1790, ano em que se uniu a uma jovem atriz, Marie Constnace Quesnet, que o acompanhou até a sua morte. A maior parte de sua vida passou encarcerado, acusado de cometer crimes sexuais, blasfêmia, pornografia, deboche e flagelo. Mas, todas essas acusações são agrupadas

<sup>1</sup> A maioria das informações foi colhida no "Posfácio" de Augusto Borges e na "Cronologia", publicados na edição de *A filosofia na altura* (1999) e, também, nos comentários de Eliane Robert Moraes (1992).